

comprarcasa. 296 719 719 www.comprarcasa.pt/pontadelgada

PRIMAS CINCO ESTRELAS

Ref.: 326/MC0255 Vila Brasil do Pico, Vila do Pico 135 950,00 € 4 m² 1 c2

Ref.: 326/T01325 Pousa Barreira da Roca, Lagoa 219 000,00 € Terreno: 1.285,87 m²

Ref.: 326/MC1428 Sítio, Ponta Delgada 71 800,00 € 1 m² 1 c2

Ref.: 326/MC1502 Pousa do Cão/Jão Roque, Ponta Delgada 188 300,00 € 1 m² 2 c2

Ref.: 326/T01595 Fátima, Ponta Delgada 1.250 000,00 € Terreno: 188.094,80 m²

Ref.: 326/MC0254 Pousa Santa Rita-Santa Rita, Ponta Delgada 97 950,00 € 8 m² 1 c2

Ref.: 326/MC0242 Nordeste, Nordeste 98 950,00 € 2 m² 1 c2

Ref.: 326/MC0262 São Pedro de Nordestino, Nordeste 58 950,00 € 4 m² 1 c2 1 b2

DS
INTERMEDIÁRIOS DE
CRÉDITO
Ponta Delgada

director: JOAQUIM FERREIRA LEITE
10 de junho 2022

Audiência
RIBEIRA GRANDE

www.audiencia.pt

PUBLICAÇÃO QUINZENAL 1€ IVA incluído ano VII - edição 164

A IMPRENSA É SEGURA!

DIA DOS AÇORES

Distinções e intervenções marcaram o Dia da Região Autónoma dos Açores

Páginas 12 e 13

SOCIEDADE Páginas 2 e 3

Festa da Flor atraiu milhares de visitantes à Ribeira Grande

SOCIEDADE Páginas 8 a 9

AHBVRG celebrou o seu 147º aniversário

PONTA DELGADA Páginas 4 a 6

Senhor Santo Cristo dos Milagres regressou às ruas com menos emigrantes presentes

MICA STUDIO
Cabeleireira e Estética

Serviços prestados:

- Cabeleireiro Unissex
- Madeixas
- Coloração
- Escova Progressiva
- Penteados
- Uso Exclusivo das marcas Vassari e Kérastase
- Estética
- Esteticista unhas
- Pedicure com pedologia
- Massagens relaxantes
- Laser (Depilação Definitiva)
- Tratamentos Faciais
- Maquilhagem

Rua Gonçalo Bezerra, 12, 9600-550 Ribeira Grande - Telefone: 296 472 810
Facebook: https://www.facebook.com/CaaRoLestica/



“RENASCER” FOI O MOTE DESTA EDIÇÃO, QUE ASSINALOU O REGRESSO À NORMALIDADE

Festa da Flor: Ribeira Grande voltou a ficar repleta de cor

Depois de dois anos de interregno, a Festa da Flor da Ribeira Grande voltou a colorir o concelho. Assumindo-se como sendo um dos eventos âncora da cidade, esta iniciativa, que decorreu entre os passados dias 12 e 15 de maio, atraiu milhares de visitantes. Para Alexandre Gaudêncio, presidente da autarquia ribeiragrandense, esta edição foi um verdadeiro sucesso, tendo os momentos com mais afluência recaído no desfile alegórico e na procissão do Senhor Santo Cristo dos Terceiros.



Por Tânia Durães

A Festa da Flor da Ribeira Grande regressou, entre os passados dias 12 e 15 de maio, às ruas da cidade, depois de dois anos de interregno, fruto da pandemia, que proliferou em Portugal e no mundo.

Sob o mote “Renascer”, este, que se assume como sendo um evento de referência, no panorama cultural do concelho ribeiragrandense, proporcionou, através de um vasto programa, dias coloridos, repletos de animação e alegria, durante os quais as flores foram as rainhas.

Assim, a Festa da Flor começou a

ser celebrada no dia 12 de maio, com um concerto de música clássica, intitulado “Violoncelo Romântico”, que foi protagonizado pela violoncelista Maria José Falcão e a pianista Anne Kaasa e decorreu no Teatro Ribeiragrandense.

Já no dia 13, foi inaugurado o tapete de flores “Renascer”, no Largo Hintze Ribeiro, que, de acordo com a temática, retratou a forma e simbolismo da fénix, remetendo para o retorno à normalidade, após o período conturbado que vivemos, seguido da abertura da exposição coletiva de pintura “FlorArte”, que teve lugar na Igreja do Senhor dos Passos.

O dia 14 de maio, ficou marcado pelo tradicional e emblemático desfile alegórico, que contou com a participação de todas as freguesias e instituições da Ribeira Grande e coloriu as ruas do concelho. No seguimento deste célebre cortejo, Alexandre Gaudêncio, presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande, afirmou, em entrevista exclusiva ao AUDIÊNCIA, que “tivemos um desfile com quase 1000 figurantes e 15 carros alegóricos. Foi o maior desfile de sempre, devido à ansiedade que as instituições e as freguesias tinham de mostrarem, ao fim e ao cabo, aquilo que estavam a fazer”.



PUBLICIDADE



A Melhor!



Hummm Tão bom!!! Melhor?... só mesmo repetindo...

Av Infante D Henrique 97 * 9500-764 Ponta Delgada



Por outro lado, a componente religiosa também não ficou esquecida, pelo que, o dia 15 de maio ficou assinalado pela missa solene, seguida da procissão em honra do Senhor Santo Cristo dos Terceiros, no seguimento da qual, os fiéis fizeram o percurso desde a Igreja de São Pedro, na Ribeira Seca, até ao Museu Vivo do Franciscanismo. “A figura do Senhor Santo Cristo dos Terceiros é muito querida pelos ribeiragrandenses e é uma forma de divulgarmos as nossas tradições, sem esquecermos que o grande motivo desta procissão é, precisamente, revitalizar o culto à Madre Teresa da Anunciada, para que o processo de beatificação, que já se arrasta há muitos anos, volte à tona da água, porque se não forem promovidas estas manifestações mais populares, dificilmente avançará e é por isso que, desde o momento em que retomamos a festa, reinserimos esta componente religiosa, para que, efetivamente, tenhamos a Madre Teresa como uma santa, porque já tem essa fama e é por este motivo que nós associamos esta procissão à Festa da Flor e quisemos dar este cunho, que continuará sempre connosco”, ressaltou o edil ribeiragrandense. Durante todos os dias da Festa da Flor,

esteve, ainda, presente no Largo Hintze Ribeiro, um mercadinho de flores e plantas, no qual participaram vários empresários do ramo da floricultura, bem como instituições locais. Assegurando que este evento foi “um verdadeiro sucesso” e que superou todas as expectativas, pela adesão das pessoas, assim como das instituições e empresários locais, Alexandre Gaudêncio evidenciou que “tivemos muitos turistas de visita à ilha e que, de forma direta, vieram à Ribeira Grande, porque sabiam que tínhamos cá a Festa da Flor. Eu diria que foi, mesmo, um número que superou o da última edição, que realizamos, antes da pandemia”. Para o presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande, “estes eventos são importantíssimos, não só para divulgar as localidades, mas, acima de tudo, para dinamizar o tecido empresarial local. Portanto, estes eventos são fundamentais, para retomarmos a atividade económica, em particular, como a restauração e a hotelaria, pois foram das mais prejudicadas, durante o período da pandemia e os números assim o comprovaram, uma vez que tivemos a hotelaria praticamente preenchida, aqui, no concelho. Eu diria até, que a Festa da Flor foi um acréscimo,

para que as pessoas ficassem cá mais tempo e por isso é que, cada vez mais, assumimos que esta festa é um cartaz turístico, que pretende continuar nos próximos anos, precisamente para dinamizar a nossa terra”. Enaltecendo que “quando a Ribeira Grande se une, consegue fazer coisas muito bonitas”, o autarca salientou a importância da epí-

grafe desta edição da Festa da Flor, asseverando que “Renascer” simboliza “o recomeço, depois de um período mais conturbado, o reviver de uma economia, que ficou ressentida durante a pandemia e que agora queremos que renasça com toda a pujança, pelo que nós acreditamos que este tenha sido o mote, para que tenhamos um grande ano de 2022”.



PUBLICIDADE



LOJAS EM
PONTA DELGADA
RIBEIRA GRANDE

MATERIAL ELÉTRICO
INSTALAÇÕES ELÉTRICAS
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
MANUTENÇÃO
ILUMINAÇÃO
TÉCNICOS
QUALIFICADOS












PONTA DELGADA Rua da Carreira de Tiro, 5/Nº
9500-171 Santa Clara ☎ 296 249 955 ✉ geral@tecniq.pt
RIBEIRA GRANDE Rua Infante D. Henrique, 18A
9600 - 560 Ribeira Grande ☎ 296 474 117 ✉ loja.rg@tecniq.pt 🌐 www.tecniq.pt







Bar-Restaurante
Caldeiras RG

Largo das Caldeiras
9600-081 Ribeira Grande
Telefone: 296 474 307
Email: restaurantebarcaldeiras@gmail.com
Site: https://www.facebook.com/caldeirasrestaurant/

CELEBRAÇÃO TERÁ RECEBIDO MENOS EMIGRANTES DO QUE EM EDIÇÕES ANTERIORES

Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres regressou às ruas de Ponta Delgada

Este ano, a Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres regressou ao formato presencial e contou com algumas alterações, entre as quais, o facto da imagem ter saído para o adro da Igreja logo na sexta-feira, decisão que permitiu uma maior aproximação dos peregrinos à imagem, depois de dois anos de pandemia, como referiu o Cónego Adriano Borges. Apesar de afirmar que o balanço é extremamente positivo e que a adesão foi grande, o reitor do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres, acredita que participaram menos emigrantes do que em edições anteriores. Quanto à festa de 2023, o Cónego garante que é cedo para pensar nela, no entanto, lembrou que coincidirá com a data de 13 de maio.



Cónego Adriano Borges, reitor do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres

Por Sara Tavares Almeida

As Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres, regressaram, este ano, após dois anos de interregno causados pela pandemia da Covid-19, que atingiu o país e o mundo, e que obrigou a celebração a cingir-se ao formato televisivo. A festa teve lugar entre os dias 20 e 26 de maio, e apesar do regresso ao formato presencial, e aproximado ao que acontecia antes da pandemia, contou com algumas modificações. A

grande alteração foi o facto da imagem do Santo Cristo ter saído da Igreja do Santuário para o adro na sexta-feira à noite, sendo que, em anos anteriores, saía apenas no sábado. A colocação da imagem no adro coincidiu com a hora do acender das luzes no Campo de São Francisco, e a mesma permaneceu nesse local cerca de uma hora, tendo, depois, sido transportada para a Igreja de São José, onde decorreu a primeira vigília.

Durante a tarde de sábado, aconteceu

PUBLICIDADE

**ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE RIBEIRA GRANDE**

FUNDAÇÃO DE 1875 - INTERVENÇÃO DE EMERGÊNCIA PÚBLICA - ALIADA NA LUTA DOS RIBEIROS PORTUGUESES

ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DA RIBEIRA GRANDE**ANÚNCIO – EXPLORAÇÃO DO ESPAÇO SNACK-BAR**

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande abre concurso para a exploração do espaço Snack-Bar.

As propostas deverão ser entregues através do endereço eletrónico da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande, bvrg@mail.telepac.pt, até às 17:00 horas do dia 11 de Junho de 2022, sob pena de não serem admitidas a concurso.

As propostas devem ser redigidas em conformidade com o modelo do Anexo I do Programa de Concurso. A base de licitação é de 450,00€ mensais, acrescido do I.V.A. à taxa legal em vigor (o valor mensal não inclui: água, eletricidade e gás).

Durante o prazo de apresentação das propostas, os interessados poderão visitar o espaço para realizar os reconhecimentos que entenderem indispensáveis à elaboração das suas Propostas. Os interessados deverão solicitar a visita através do endereço eletrónico da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande: bvrg@mail.telepac.pt

Documentos de Instrução da Proposta:

- Proposta de Preço, elaborada de acordo com o modelo constante do Anexo I do Programa de Concurso;
- Memória Descritiva e detalhada do conceito a implementar na exploração do Snack-Bar, indicando a experiência em gestão/ exploração comprovada no setor;

A adjudicação será feita à proposta mais vantajosa, nos termos da cláusula 9.ª do Programa de Concurso.

Sede: Rua Eng.º Azeite e Oliveira - 9600-228 RIBEIRA GRANDE - Telef. 296 470 100 - 296 472 31
Fax (Direção) 296 470 105 - Fax (Comando) 296 470 109 - E-mail: bvrg@mail.telepac.pt - www.bvrg.pt - NIF: 512 011 923
Edifício 3.ª Secção - Lomba da Maia - Telef. 296 446 975 - 296 446 017

Audiência
RIBEIRA GRANDE**ASSINE JÁ****Agora o seu AUDIÊNCIA chega a todo o Mundo!**

Recorte, preencha o cupão e envie para a morada abaixo indicada

DADOS PESSOAIS

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Código Postal _____

Telemóvel _____ N.º Contribuinte _____

Email _____

INDIQUE ABAIXO O TIPO DE ASSINATURA QUE PRETENDE

- ☐ PORTUGAL - 12 meses - **45 €** ☐ ASSINATURA DIGITAL **15 €**
☐ ESTRANGEIRO - 12 meses - **100 €**

Pago por **TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA** o valor acima indicadoIBAN: **PT50 0059 0014 2205 7500 0776 8**Pago por **CHEQUE** o valor acima indicado à ordem de:**ARG Comunicação, Lda**

ARG Comunicação, Lda
Rua do Mourato, 70 - A
9600-224 Ribeira Seca RG - São Miguel - Açores



a procissão à volta do Campo de São Francisco e à noite, nesse dia, como já era habitual antes da pandemia, a imagem voltou ao adro da Igreja do Santuário.

No domingo, celebrou-se, pela manhãzinha, a tradicional missa dos peregrinos, na Igreja de São José. A imagem foi, depois, colocada no adro do Santuário, novamente, onde ficou até à celebração eucarística, este ano, conduzida pelo Cardeal Tolentino Mendonça, arquivista do Arquivo Apostólico do Vaticano e bibliotecário da Biblioteca Apostólica Vaticana. Terminada a eucaristia, a imagem foi recolhida até ao convento para ser preparada para a procissão, que aconteceu, como habitualmente, nessa tarde e percorreu as principais artérias da cidade de Ponta Delgada, num percurso que tem a duração de cerca de quatro horas.

No dia seguinte, segunda-feira, feriado municipal, foi realizada uma celebração eucarística pelas intenções da Mesa da Irmandade e dos seus colaboradores. Nesse mesmo dia houve a abertura do Bazar que reabriu, depois, no último dia das comemorações. A vertente religiosa da festa terminou, então, no dia 26 de maio, com uma missa presidida pelo Cónego Adriano Borges, reitor do Santuário.

Nas festividades, marcaram presença várias personalidades e instituições da Ribeira Grande, que não quiseram faltar a este evento ao fim de dois anos de interregno.

No rescaldo da Festa, o Jornal AUDIÊNCIA conversou com o Cónego Adriano Borges, que além de reitor do Santuário, é, também, presidente do Concelho dos Assuntos Económicos do Senhor Santo Cristo, diretor do



Serviço Diocesano de Apoio Pastoral Escolar, assistente da Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja e professor convidado do Seminário Episcopal de Angra. “Na minha opinião, a Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres foi bastante positiva, intensa, e vivida com bastante emoção depois destes dois anos de pandemia”, disse o Cónego, que confessou que o facto da imagem ter estado mais tempo fora da igreja, nomeadamente no adro na Igreja do Santuário na sexta-feira, algo que não era habitual, “permitiu que as pessoas se aproximassem mais e rezassem mais”.

“O balanço é muito positivo e não posso deixar de destacar a cereja no topo do bolo desta festividade: a presença do Cardeal D. José Tolentino Mendonça, que nos ajudou ainda mais a entrar no espírito”, destacou o reitor do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

O tempo é de regresso à normalidade, no entanto, o Cónego Adriano Borges lembrou que nem toda a gente sentiu segurança para voltar ao formato presencial da celebração, mesmo admitindo que não conseguia precisar se o número de pessoas presentes tinha sido maior ou menor do que em anos anteriores à pandemia, afirmou que “houve pessoas que pela sua fragilidade, seja em relação à idade ou até devido a alguma doença, preferiram assistir às comemorações a partir de casa, pela televisão”, ainda assim destacou que “a adesão foi bastante grande”.

As Festas em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres são consideradas uma das maiores manifestações religiosas do país e, todos os anos, leva milhares de peregrinos, turistas e



emigrantes à Ilha de São Miguel. Este ano não foi diferente, no entanto, o presidente do Concelho dos Assuntos Económicos do Senhor Santo Cristo acredita que a presença de emigrantes não foi tão grande como em anos anteriores. “Parece-me, numa primeira análise, que tivemos menos emigrantes do que em anos anteriores à pandemia. Não houve o boom que esperávamos, mas, mesmo assim, estavam cá muitas pessoas da nossa diáspora”, referiu. Com a edição de 2022 terminada, o Cónego Adriano Borges garantiu que ainda não é tempo para pensar na festa de 2023. “Ainda é cedo para pensar no próximo ano, uma vez que ainda estamos em fase de rescaldo desta festa”, disse, no entanto, deixando a ressalva que “em 2023, o sábado da Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres, coincide com o dia 13 de maio, por isso, temos de pensar bem no que vamos fazer”, afirmou, deixando, porém, a confissão de que “ainda não projetamos nada”.



PUBLICIDADE



RETROSARIA ARTESANATO/TECIDOS, ETC

Filomena Tavares P. Cunha, S. U. Lda.
Contribuinte N.º 512 081 468

Rua Nossa Senhora da Conceição, n.º 102
9600-568 Ribeira Grande
Tel.: 296 472 365 - Tlm.: 963 911 667

DIGITLÂNTICO
COMUNICAÇÃO E MARKETING DIGITAL

**VACINE O SEU NEGÓCIO
COM A COMUNICAÇÃO ADEQUADA**

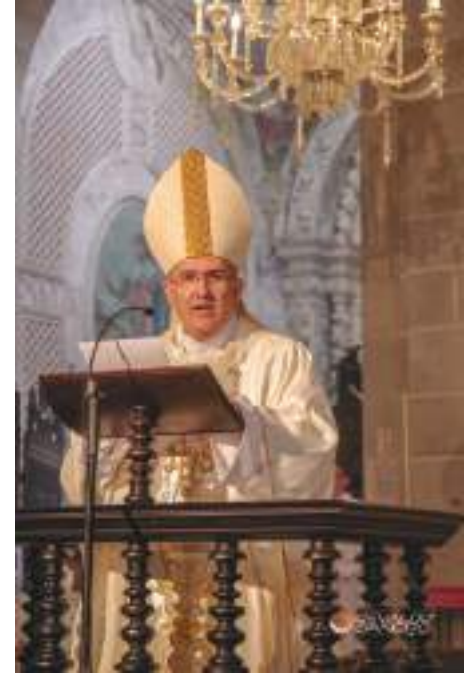
INFO@DIGITLANTICO.PT | 916534596
RUA DO MOURATO, 70A - R. GRANDE

DESIGN

PUBLICIDADE

WEBSITES

SOCIAL MEDIA



pela objetiva de **Osvaldo Janeiro**



PUBLICIDADE


César Sousa
 CAR WASH CAR DETAIL
 Bombeiros da Ribeira Grande
 geral.csousa@gmail.com
 Tel - 910 256 390

- Lavagem
- Polimentos
- Recuperação de Faróis



CA EMPRESAS

Seja qual for o desafio

Estamos cá para apoiar.

No Crédito Agrícola temos soluções que acompanham todo o ciclo de vida da sua empresa. **Venha conhecê-las.**



PUBLICIDADE 05/2022



CA Vida

Para mais informações:

creditoagricola.pt | f i t y

CA Seguros



CA
Crédito Agrícola

CELEBRAÇÕES DECORRERAM NO DIA 19 DE ABRIL

Associação Humanitária dos Bombeiros da Ribeira Grande celebrou o 147º aniversário

As comemorações do 147º aniversário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande (AHBVRG) decorreram no Largo Conselheiro Hintze Ribeiro, local do primeiro quartel dos bombeiros do município. No decorrer da cerimónia comemorativa foram realizadas várias homenagens e congratulações a membros da associação pelos serviços prestados. Nesta sessão solene foi também celebrado o Dia Municipal do Bombeiro, uma iniciativa da Câmara Municipal, que pretende homenagear a corporação, que exerce funções em prol da segurança e bem-estar da comunidade.

Por Ana Catarina Ferreira

As comemorações celebrativas do 147º aniversário da AHBVRG teve vários momentos altos, como reconhecimento institucional do papel de bombeiras e bombeiros, intervenções protocolares e, no final das comemorações, o cantar dos parabéns aos Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande (BVRG), assim como a degustação do bolo de aniversário. Norberto Gaudêncio, presidente da Direção da Associação dos Bombeiros da Ribeira Grande, começou por abordar a escolha do local da cerimónia afirmando que “foi aqui o primeiro quartel dos Bombeiros da Ribeira Grande e no dia 15 de abril de 1975 fez-se aqui a primeira formatura em frente à Câmara”. Recordou que “em 2005 foi inaugurado o quartel atual” e que continuarão a ser feitas obras, de forma a “aumentar o património da associação”. Em retrospectiva sobre o percurso realizado ao longo dos 147 anos, referenciou que “para além de ser a mais antiga dos Açores, neste



Norberto Gaudêncio, presidente da direção da AHBVRG [à esquerda]_ Alexandre Gaudêncio, presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande [à direita]

tempo nós tivemos um percurso enorme e penso que os nossos fundadores estarão muito orgulhosos daquilo que nós conseguimos até hoje”. O presidente da direção dos BVRG enalteceu também o facto da Câmara Municipal ter instituído, há 5 anos, “o dia de aniversário da associação como o Dia Municipal do Bombeiro” e louvou o exemplo dado pela autarquia no apoio à corporação. Norberto Gaudêncio referiu que “a Associação dos Bombeiros da Ribeira Grande é uma associação subordinada dos seus sócios e, por isso, nós precisamos de investir nos bombeiros”. Mostrou imenso orgulho na corporação afirmando “estes bombeiros são técnicos altamente credenciados e há que ter em consideração que devem ser reconhecidos por isso”. O presidente fez votos para que “daqui a 147 anos esta associação seja ainda melhor do que é hoje”, enaltecendo o contributo da Câmara Municipal que “tem sido um exemplo a nível dos Açores e não só, porque compreendeu que a principal obrigação da proteção civil é camará-

ria e não da associação”. Sobre o futuro, Norberto Gaudêncio, prevê que “seja cada vez melhor e faço votos para que assim seja” realçando a “dinâmica de trabalho, depois trabalho e a seguir trabalho”. O presidente terminou o discurso mostrando que a AHBVRG “está disponível para colaborar em tudo o que o serviço regional e a Câmara Municipal desejarem”. Alexandre Gaudêncio, presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande, iniciou o discurso destacando o momento simbólico vivido, pois “há dois anos que temos pandemia e não foi possível realizar nenhuma festa, de maneira que é um recomeço para todos nós”. Aproveitou o momento para anunciar que foi contratualizado “através de concurso público, o serviço de autocarros, que representa um acréscimo de cerca de mais 75 mil euros e, por outro lado, também a adaptação desta direção dos bombeiros aos novos tempos”. Destacou também o compromisso assumido entre ele e o presidente dos BVRG, em colaboração com a Câmara Municipal, para que “a

própria corporação possa ter um pavilhão desportivo para fazer face às necessidades da cidade”. Durante a sessão solene, Alexandre Gaudêncio referiu que “uma cidade e um concelho são mais ricos se as suas instituições estiverem vivas, ativas e de boa saúde financeira. Os nossos bombeiros são uma referência nacional e por isso temos muito orgulho em todos vós”. Divulgou também o aumento de apoios à Associação Humanitária dos Bombeiros da Ribeira Grande, incluindo a aprovação, pelo executivo camarário, de um aumento de 20% referente aos apoios anuais dos bombeiros, num total de 130 mil euros. O autarca anunciou também a atualização do regulamento de apoio aos bombeiros, que “irá isentar os bombeiros do pagamento do IMI, entre muitos outros incentivos”. Dentro desta temática, Alexandre Gaudêncio afirmou que foi “uma condição que prometemos em campanha eleitoral e que vamos cumprir já este ano, com efeitos imediatos no próximo ano”. Para o presidente, esta atualização é uma forma de incentivar a adesão da população aos movimentos associativos, possibilitando o rejuvenescimento dos quadros. O autarca destacou ainda a homenagem feita a Marco Medeiros, subchefe do corpo de Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande, considerando que “revela bem a importância de termos também no nosso concelho bons bombeiros e, nomeadamente, associações que prestam esse serviço”. No epílogo do discurso, reforçou que “nós estamos, provavelmente e diria mesmo convictamente, perante os melhores Bombeiros, não é sobre os títulos que tem ganho é pela na forma como vocês estão na vida com a missão de servir”.

José Nuno Moniz, comandante dos BVRG, reforçou que existe “falta de ambulâncias de socorro”, apesar de terem recebido “há relativamente pou-

PUBLICIDADE

www.facebook.com/intermediariospontadeldgada
instagram.com/intermediariospontadeldgada

DS
INTERMEDIÁRIOS DE CRÉDITO

PONTA DELGADA
ROBERTO MELO SOC. UNIP. LDA.
Intermediário de Crédito Vinculado registado
no Banco de Portugal sob o n.º 0004919

CRÉDITO OTIMIZADO

CRÉDITO HABITAÇÃO

296 248 621 • pontadeldgada@dsicredito.pt



Imposição de condecorações e promoções

co tempo duas ambulâncias novas” já existe “um grande desgaste” devido à “quantidade de serviços que fazemos”. No que diz respeito aos autotanques, o comandante considerou que se trata de “uma situação recorrente e que também diz respeito às outras associações”, visto que “os nossos autotanques estão todos com mais de 30 anos e precisam de, muito rapidamente, serem substituídos”. Relativamente ao acesso ao Estatuto de Carreira, o comandante João Moniz, afirmou que foi “o atual governo regional que prometeu, a esta classe nova que está a emergir, que até ao final desta legislatura ia por cá fora um Estatuto de Carreira”. João Moniz afirmou ainda que “os bombeiros esperam que este governo cumpra a promessa de, até ao final da legislatura, ter esse documento cá fora”. Em perspetiva sobre o futuro, o Comandante considerou que existe uma grande aposta “nas Escolas de Infantes e Cadetes, como forma de trazer os miúdos para o nosso lado e dar continuidade a esta profissão elementar da sociedade”. Para o comandante dos BVRG, que já está na corporação desde 1984, ser bombeiro é “sempre que uma sirene toca, é sinónimo de sairmos de casa, seja a que horas e condições for. Ser bombeiro voluntário, é não descurar estes sentimentos que vamos ganhando ao longo dos anos”. O papel

desta profissão na sociedade “é imprescindível, nós somos aqueles que conseguimos dar uma resposta mais rápida e somos os que pomos os pés no terreno o mais rápido possível”. João Moniz assegurou ainda que “os bombeiros, neste momento, são o pilar da proteção civil e sem proteção civil, sem alguma coisa que garanta a segurança das pessoas, a sociedade não consegue evoluir”. O comandante aproveitou ainda para salientar os apoios provenientes da Câmara Municipal, incluindo, no próximo ano, “os bombeiros voluntários do quadro ativo ficarão isentos do pagamento da taxa de IMI” e o seguro de saúde inerente a todos os bombeiros, participado em parte pela Câmara Municipal. A corporação de Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande conta com um Quadro Ativo que ronda os 80 elementos; a Escola de Infantes e Cadetes com cerca de 40 jovens; a charanga com 50 constituintes e o Quadro de Reserva e o Quadro de Honra que rondam os 250 indivíduos. Esta cerimónia contou com a presença do quadro operacional dos bombeiros, assim como de vários presidentes de junta de freguesia, entidades das forças de segurança, do vice-presidente do Serviço Regional de Proteção Civil e Bombeiros dos Açores, do executivo camarário e do presidente da Assembleia Municipal da Ribeira Grande.



Cerimónia Comemorativa 147º aniversário. Em destaque, José Nuno Moniz, comandante dos Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande [ao centro]

OPINIÃO

Betão e Mente Humana



Délia Melo*

Obras

Percorremos o arquipélago e deparamo-nos com dois cenários nas infraestruturas educacionais - obras megalómanas ou instalações muito degradadas. São raras as exceções em que vemos o meio-termo.

Muitas das obras projetadas, ainda que relativamente recentes, apresentam graves lacunas e, desde a sua construção, a manutenção é quase nula. Já as mais antigas necessitam de intervenções de fundo, consequência do abandono a que foram vetadas pela governação socialista.

Na Ribeira Grande, temos o exemplo da Escola Gaspar Frutuoso, cujo custo para a Região ascendeu os 19 milhões de euros. Uma obra nova e moderna, sem dúvida, mas cujos janelões de vidro sobredimensionados, e uma ventilação deficitária, sobreaquecem os pavilhões e as salas de aula, tornando o ambiente insalubre nos dias de maior calor.

E esse é o retrato que encontramos por toda a região. Num requerimento subscrito pelos deputados do PSD/Açores, cujo tema se centrou nos pavilhões desportivos, os mesmos foram confrontados com uma larga listagem de instalações desportivas escolares com problemas de cobertura, pavimento e de infiltrações. Ao todo, foram identificadas 21 unidades orgânicas com problemas a este nível, isto é, mais de metade das escolas dos Açores! É obra!

Mentalidades

O mais importante na Educação não são, de facto, as obras, embora estas contribuam para a melhoria das condições de aprendizagem. Educar é formar para um certo modo de vida e de conduta pautada por valores éticos. Para tal, importa refletir sobre a ligação das escolas com as diferentes instituições, dentro e fora do seu raio de ação, de modo a garantir uma formação holística do aluno. Só assim formaremos adultos capazes de compreender e interagir com a comunidade, numa relação profícuca para todos e, por essa via, eliminaremos as guerrilhas e os bairrismos.

Numa recente visita a uma escola, uma das reivindicações apresentadas era a construção de um salão multiusos, para a escola e a comunidade em geral. Espantamo-nos com o pedido, quando nas imediações existiam vários salões de filarmónicas. Justificação dada, “Há muita rivalidade entre as bandas. Não podemos usar um salão, porque os pais do outro salão simplesmente não irão comparecer”. Ora, então a solução mais simples seria recorrer ao betão! Construa-se mais um salão. Caso para se dizer, é preciso investir muito na Educação! É preciso investir muito na mudança de mentalidades!

*Deputada Regional
Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

PUBLICIDADE



PIROTECNIA
OLEIRENSE

ARTIGOS DE VENDA LIVRE,
INCLUINDO OS TRADICIONAIS FOGUETES (ROQUEIRA E BOMBÃO)

☎ 296 587 778 ✉ glourenco@pirotecnia-oleirense.pt

“ECO-FREGUESIA, FREGUESIA LIMPA”

Governo Regional dos Açores triplica verba do programa

O secretário Regional do Ambiente e das Alterações Climáticas, Alonso Miguel, e a secretária Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego, Maria João Carreiro, estiveram, no dia 3 de maio, na Junta de Freguesia da Matriz, a falar sobre o programa “Eco-Freguesia, Freguesia Limpa”, cuja verba triplicou o seu valor, para ajudar as autarquias a fazer frente a dificuldades, como a falta de recursos humanos.

Por Sara Tavares Almeida

O edifício da Junta de Freguesia da Matriz, na Ribeira Grande, recebeu, no dia 3 de maio, o secretário Regional do Ambiente e das Alterações Climáticas, Alonso Miguel, e a secretária Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego, Maria João Carreiro. O programa “Eco-Freguesia, Freguesia Limpa” foi o tema abordado e participaram vários presidentes de Juntas de Freguesias e os deputados regionais, Alberto Ponte e Délia Melo. Alonso Miguel explicou em que consiste o programa Eco-freguesia, promovido pela



Alonso Miguel, André Mendonça e Maria João Carreiro

Secretaria Regional do Ambiente e das Alterações Climática, que tem como “objetivo reconhecer o esforço das populações e das freguesias na limpeza e remoção de resíduos abandonados em espaços públicos, incluindo ribeiras e orla costeira, e também na realização de ações de sensibilização ambiental”.

Os autarcas locais, durante a reunião, mostraram-se preocupados com a diminuição drástica dos programas ocupacionais, algo que se reflete na diminuição de pessoal a trabalhar diariamente nas Juntas de Freguesia. No entanto, o secretário Regional do Ambiente e das Alterações



ções Climáticas, descansou-os, uma vez que o programa Eco-freguesia sofreu um aumento de valor de um milhão de euros, passando a disponibilizar o triplo do valor, inicialmente estipulado, que era de 450 mil euros. “Com este reforço pretende-se, então, aumentar o valor a atribuir às Juntas de Freguesias, no âmbito do Eco-freguesia, para reforçar a sua capacidade de intervenção nas linhas de água, nas ribeiras, na limpeza de espaços públicos, seja na aquisição de equipamentos específicos para a realização destes trabalhos, seja também, e sobretudo, pelo reforço da capacidade de contratação de recursos

humanos que possam realizar estes serviços”, explicou Alonso Miguel.

O secretário regional ainda salientou a importância do programa, apontando-o como “um instrumento de cooperação importante entre o Governo Regional e as Juntas de Freguesias, que são parceiros estratégicos na gestão de resíduos e na promoção da qualidade ambiental”. Lembrando que a imagem dos Açores é de natureza e sustentabilidade, Alonso Miguel ainda referiu que do total de freguesias açorianas, 137 candidataram-se ao programa e todas elas foram aceites e serão contempladas com o apoio monetário efetivo.

JORGE RITA ANUNCIA O PRIMEIRO CONCURSO NACIONAL DA RAÇA HOLSTEIN FRÍSIA NA REGIÃO AUTÓNOMA

“Esta vai ser a maior Feira Agrícola dos Açores de sempre”

A Feira Agrícola Açores 2022 vai decorrer entre os próximos dias 17 e 19 de junho, no Parque de Exposições de Santana, na Ribeira Grande, e vai acolher, pela primeira vez, o 39º Concurso Nacional da Raça Holstein Frísia. Neste contexto, a Federação Agrícola dos Açores revelou que estarão perto de 300 animais e cerca de 80 pessoas a concurso, naquele que se assume como sendo o maior evento dedicado ao setor da agricultura nos Açores.

Por Tânia Durães

Depois de dois anos de interregno, a Feira Agrícola dos Açores vai realizar-se, entre os próximos dias 17 e 19 de junho, no Parque de Exposições de Santana, na Ribeira Grande. Este evento, que tem como principal objetivo demonstrar a excelência da agricultura açoriana, vai contemplar, pela primeira vez, o Concurso Nacional da Raça Holstein Frísia, o que, para Jorge Rita, presidente da Federação Agrícola dos Açores, “dignifica o setor e a Região Autónoma”.

Com perto de 300 animais e cerca de 80 pessoas a concurso, o maior evento dedicado ao setor da agricultura nos Açores foi apresentado, no passado dia 25 de maio, durante uma conferência, que contou com a presença de António Ventura, secretário Re-



gional da Agricultura e do Desenvolvimento Rural, e Jorge Rita, presidente da Federação Agrícola dos Açores (FAA), entidades que têm estado a colaborar em conjunto, para a concretização do certame.

Com o intuito de projetar a agricultura da Região Autónoma dos Açores, estimular o crescimento dos jovens agricultores, proporcionar momentos de partilha e aprendizagem entre todos os participantes e fomentar o empreendedorismo no setor, este evento, que já não se realizava em São Miguel há cinco anos, contempla um programa diversificado, que contempla as várias vertentes da agricultura, assim como da produção vegetal e animal.

Assim, a sessão oficial de abertura da Feira Agrícola Açores 2022, que decorrerá ao longo de três dias, acontecerá no dia 17 de junho, pelas 11 horas. Para além de mostras, workshops, demonstrações, cursos, desfiles, exposição de produtos da agricultura açoriana, como o gado vivo, sem descurar os produtos hortícolas e frutícolas, o evento proporcionará, ainda, muita animação para toda a família, com espaços dedi-

cados às crianças e momentos musicais. No recinto do Parque de Exposições de Santana, os visitantes poderão visualizar mais de 150 vitelas e novilhas, mais de 70 vacas em lactação, 11 animais de cinco produtores do continente português, mais de 30 cabeças de gado de carne, mostra de ovinos e caprinos, provas de equitação, demonstrações de aves e cães, sala de produtos qualificados dos Açores, com degustação e showcooking, dezenas de expositores e stands, o Fórum Bio'22 e atividades didáticas para crianças, no Centro Ambiental.

Por outro lado, o Pavilhão Agricultura do Futuro será o palco da intervenção de inúmeros oradores, sobre os assuntos mais relevantes da atualidade, assim como do 39º Concurso Nacional da Raça Holstein Frísia. Para o secretário Regional da Agricultura e do Desenvolvimento Rural, António Ventura, a Feira Agrícola Açores 2022, demonstra que “a identidade da agropecuária açoriana está, verdadeiramente, associada à autonomia regional”, uma vez que “não há autonomia sem agricultores e esta só pode ser fortalecida se houver agricultores fortalecidos”. Assegurando que “o Governo Regional dos Açores tem o privilégio e a honra de apoiar este evento, que é dos agricultores e a quem muito devemos historicamente, no presente e para o futuro, pois a eles devemos a nossa economia”, o governante revelou, ainda, que a Feira Agrícola Açores 2022 contribui para a recuperação económica do arquipélago. Neste contexto, Jorge Rita, presidente da Federação Agrícola dos Açores,

aproveitou a sessão de apresentação desta iniciativa para salientar a importância do setor agropecuário na economia açoriana, uma vez que é responsável por “mais de 300 milhões de euros de exportações e exportações”. Sustentando que, ao longo dos anos, tem-se vindo a assistir a uma projeção da agricultura a nível regional, nacional e mundial, o presidente da Federação Agrícola dos Açores, evidenciou que a pandemia e a guerra na Ucrânia “acentuaram ainda mais, trazendo para a ribalta a importância da agricultura, como fator de manutenção e potenciação do nosso crescimento, mas, mais ainda, como aquele que pode assegurar a nossa sustentabilidade agroalimentar”. Jorge Rita enalteceu que “esta vai ser a maior feira de sempre”, asseverando que será, também mais globalizante, “porque é a primeira vez que é feito cá um Concurso Nacional da Raça Holstein Frísia. É uma abrangência maior e o reconhecimento da importância e peso que temos no setor leiteiro, perante a Associação Portuguesa de Criadores da Raça Frísia”.

Com a expectativa de que esta iniciativa alavanque novamente a economia no setor, o presidente da Federação Agrícola dos Açores fez questão de realçar que os Açores representam 2,5% do território e 35% da produção leiteira, comparativamente ao continente, sendo que é no arquipélago onde se encontram 70% dos bovinos, com classificação morfológica de excelência, o que traduz um trabalho de melhoramento genético “brutal” e de “grande qualidade”.



Mosteiro de Grijó

VISITE GAIA

FORAM ENTREGUES 26 INSÍGNIAS HONORÍFICAS AÇORIANAS

Dia dos Açores foi celebrado na Lagoa

O Dia da Região Autónoma dos Açores foi assinalado com uma sessão solene que aconteceu no dia 6 de junho, no Auditório Nonagon - Parque de Ciência e Tecnologia de São Miguel, no concelho da Lagoa. O formato pré-pandémico voltou e, este ano, puderam intervir na sessão todos os representantes dos partidos com assento na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores (ALRAA), o presidente do Governo Regional e o presidente da ALRAA. Para fechar com chave de ouro, foram entregues 26 insígnias honoríficas açorianas a cidadãos ou pessoas coletivas, que se destacaram na Região.

Por Sara Tavares Almeida

O Dia da Região Autónoma dos Açores foi instituído, em 1980, pela Assembleia Legislativa Regional, na segunda-feira do Espírito Santo. Este ano a sessão solene relativa ao Dia dos Açores, uma organização conjunta da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores (ALRAA) e do Governo dos Açores, aconteceu no dia 6 de junho, e teve lugar no Auditório Nonagon - Parque de Ciência e Tecnologia de São Miguel, no concelho da Lagoa.

Esta sessão significou o voltar às celebrações no seu pleno, depois de dois anos em que a pandemia obrigou a alguns constrangimentos. Em 2020 a sessão foi assinalada através das plataformas digitais e sem convidados, enquanto que em 2021 realizou-se na Horta, num formato reduzido, e sem a atribuição de insígnias. Em 2022 pôde-se, novamente, ouvir os representantes de todos os grupos parlamentares com assento na Assembleia Legislativa, com exceção da Iniciativa Liberal, que não quis participar neste Dia da Região. Também José Manuel Boleiro, presidente do Governo Regional dos Açores, e Luís Garcia, presidente da ALRAA, puderam dirigir-se à sala repleta de convidados. No final dos discursos, foram entregues 26 insígnias honoríficas açorianas, que visam distinguir cidadãos ou pessoas coletivas que se notabilizaram por méritos pessoais ou institucionais, atos, feitos cívicos ou por serviços prestados à Região. Pedro Neves, deputado representante do PAN nos Açores, foi o primeiro a usufruir da palavra. “A autonomia é mais do que uma comemoração ou memória (...) transformou-se no património de um povo que ilustra o seu caminho na história, nem sempre constante, mas sempre resiliente”, começou por referir. No entanto, o deputado do PAN fez questão de lembrar que a autonomia não se faz apenas do passado e que é “fundamental uma reflexão presente para escolher um horizonte para o futuro”. Lembrou que a crise decorrente da pandemia e da guerra aumentou o fardo das famílias açorianas, destacando o elevado número de pobreza e os valores débeis do ensino superior na Região, assumindo que “algo falhou no nosso compromisso para com a autonomia”. Mas o seu maior destaque foi para a enorme dependência dos Açores, nomeadamente no que diz respeito aos combustíveis fósseis.



“Somos especialmente vulneráveis às crises, frágeis nas respostas”, afirmou, apelando à autoprodução. “Urge redesenhar as escolhas de consumo coletivas a nível regional e rever uma nova estratégia para a agricultura e energia renovável, considerando áreas de produção inteligente, passando por acrescentar valor à horticultura, fruticultura e nova fileira dos cereais”, concluiu Pedro Neves.

Já José Pacheco, deputado do Chega, lembrou que “devemos olhar para a autonomia como uma conquista da democracia, mas também como um ato de liberdade”, uma vez que “nos permite ter uma voz própria enquanto arquipélago, enquanto povo, diferente dos restantes portugueses”. O deputado salientou que não podem ser ignorados os valores que fundaram as ilhas: Deus, Pátria, família e trabalho, e lembrou que a “autonomia não nasceu para privilegiar alguns políticos, os amigos deles, ou os interesses ocultos que possam esconder. A autonomia é dos açorianos e para todos os açorianos”. Assim, José Pacheco afirmou que se ouve pela rua, o povo exigir “uma nova revolução, que coloque ordem nesta desordem crónica” e garantiu que o partido estará ao lado do povo, “porque os Açores e os açorianos estarão sempre acima de tudo e de todos”. Paulo Estêvão, líder PPM nos Açores, começou o seu discurso enaltecendo o sentimento açoriano que foi adquirindo ao longo dos anos, uma vez que não é natural do Arquipélago. No entanto, reconhece o carácter lutador do povo que se espalhou pelo mundo, e assumiu que está “muito consciente do que significa representar o grande povo açoriano no Parlamento dos Açores. É uma honra. A maior honra da minha vida. Mas é também uma responsabilidade. Uma grande responsabilidade, que assumo com sentido de missão”, afirmou. No seu discurso, face ao momento turbulento que o mundo atravessa, apelou “à mobilização de todas as nossas capacidades e energias”. “Não é tempo para lutas egoístas. Todos nós, nos mais diferentes sectores de atividade, no turismo, na agricultura, nas pescas, na construção civil, na administração pública, na política e em tudo o resto, temos de dar o máximo, de empenhar-nos ao máximo”, disse Paulo Estêvão, deixando claro que “temos

os recursos necessários para triunfar e seguir o nosso percurso. Depende, em grande parte, de nós. De todos e de cada um. Da soma das nossas vontades”, concluiu.

Já António Lima, do Bloco de Esquerda, começou por relembrar a pandemia, e a forma como esta pôs em causa os paradigmas da saúde. Ao mesmo tempo, falou da guerra na Ucrânia e de como ainda todos desconhecemos os efeitos que esta vai provocar. “Não é possível prever todos os efeitos destes acontecimentos e de outros que o tempo nos reserva. É nosso dever não sermos, apenas, reativos. O planeamento e o fortalecimento das estruturas base da nossa sociedade, permitirão sempre resistirmos melhor às tempestades que assolam o mundo”, referiu, salientando que “a nossa resistência a choques externos está dependente da nossa autonomia em áreas chave”. Essas áreas passam pela energia. O deputado chamou a atenção para o consumo excessivo de energias fósseis, até na produção de energia elétrica. “A diversificação da economia não é tarefa que se implemente sem dificuldade, mas o desenvolvimento dos Açores, na vertente humana e económica, depende dela”, assegurou António Lima. “O investimento na ciência e tecnologia, com especial incidência nas áreas que nos diferenciam, como é o mar, são as únicas estratégias capazes de abrir novos caminhos, são estas que darão um novo futuro aos açorianos, mas não vemos essas prioridades refletidas nas políticas públicas”, finalizou, salientando que o Dia dos Açores é um dia de reflexão para o futuro. Catarina Cabeceiras, do CDS-PP, começou a sua intervenção por lembrar que a afirmação da autonomia conquistada, é um trabalho de todos os dias e para o qual todos estão convocados, desde cidadãos, a representantes políticos, tanto nos Açores, como no continente, Europa e, até, no mundo. Mas para a deputada, é claro o que falta: lembrar a história da autonomia açoriana nas escolas. “A conquista autonómica e os méritos do autogoverno devem ser realçados, com determinação, pelo sistema educativo açoriano. A escola tem de servir como veículo para despertar as novas gerações para a relevância que a autonomia assume para nós, tem o papel a cumprir junto



dos mais novos, na transmissão de conhecimento sobre a nossa história regional e local, e, por conseguinte, no fortalecimento da nossa identidade”, assegurou Catarina Cabeceiras. Além disso, a representante do CDS-PP lembrou que as ilhas são fortes, unidas, e, por isso, o caminho tem de ser percorrido “a uma só voz, tendo, claro está, respeito efetivo pela pluralidade e pela diferença”. Criticando aquilo que chamou de centralismo crónico, Catarina Cabeceiras lembrou a posição privilegiada dos Açores e deixou como mensagem final os desafios de hoje: o desenvolvimento económico, as alterações climáticas, a mobilidade e a adequação dos serviços de educação e saúde. João Bruto da Costa, do PSD, deixou, desde logo, uma mensagem de carinho aos profissionais de saúde que tanto lutaram ao longo destes dois anos, bem como um pesar a quem perdeu pessoas para a Covid-19. No entanto, o representante do PSD, viu o copo meio cheio, e não meio vazio, lembrando que os “tempos desafiantes, com obstáculos”, também são de oportunidades, e destacou o que de muito se tem feito. “Foi nesta legislatura que, pela primeira vez, todos os partidos com assento passaram a usar da palavra no Dia dos Açores, uma mudança a favor da democracia”, referiu. “Em menos de dois anos, houve uma aposta sem receios na redução de impostos. Nunca os impostos nos Açores foram tão baixos em comparação com o resto do país”, continuou a apontar João Bruto da Costa, que ainda referiu a Tarifa Açores e o quão decisiva foi na criação de “um verdadeiro mercado interno”. “Por um melhor futuro para os Açores e para os açorianos é importante que este rumo reformista não seja revertido”, defendeu o representante do PSD. O trabalho tem de ser feito a pensar nos resultados práticos na vida das pessoas, foi essa a mensagem que João Bruto da Costa quis passar, referindo temas como a necessidade de políticas promotoras da criação de emprego, considerando essas fundamentais para o combate à pobreza e à exclusão social. Para terminar os discursos dos representantes políticos com assento na Assembleia, Isabel Teixeira, do PS, dirigiu algumas palavras aos presentes. Em primeiro lugar, salientou a Ilha de São Jorge e a crise sismo vulcânica que vive há largos meses. Mas foi a ideia de “nove ilhas, todas diferentes umas das outras, mas iguais na sua essência”, que tentou passar. “Somos feitos da história e da memória, às quais devemos dar valor, somos um povo resiliente, enfrentamos vulcões, sismos e tempestades, reconstruímos, reerguemos e refazemos”, disse Isabel Teixeira. Para a representante do PS, no Dia dos Açores, é importante falar de prioridades para a coesão regional, e esta passa, obrigatoriamente, por políticas públicas de desenvolvimento, tendo estas de estar as-



sentes em princípios de sustentabilidade. “As nossas ilhas não competem entre si, complementam-se e esta complementaridade é essencial para políticas que criem riqueza, que fortaleçam as suas capacidades de competitividade e criação de emprego, e obviamente, fixem população”, destacou a deputada. “Somos uma Região Autónoma e é essa autonomia que nos dá força para reerguer. Temos de ser mais coesos, mais competitivos, mais sustentáveis, mais conectados, mais colaborativos”, concluiu Isabel Teixeira.

Governantes e Assembleia dos Açores acreditam que ainda há muito por fazer

Seguiu-se o discurso de José Manuel Boleiro, presidente do Governo Regional dos Açores, que se mostrou feliz pelo regresso do formato presencial e com a entrega de insígnias, que já existia antes da pandemia. Boleiro referiu que, ao longo destes longos anos de autonomia, “há muita coisa boa alcançada, mas há, ainda, tanto atraso, tantos desafios para vencer, tanta oportunidade para realizar, tantos açorianos para recuperar das suas dificuldades que os fazem ficar para trás na nossa caminhada conjunta”. Os atrasos e desafios que existem passam, na opinião do presidente do Governo Regional, pela educação, a qualificação profissional, o acesso generalizado e qualificado aos cuidados de saúde, a inclusão e felicidade social, o combate à pobreza, a economia produtiva de bens transacionáveis, geradora de riqueza e empregabilidade, a mobilidade de pessoas e bens, a mudança de tempos e gerações, as novas literacias, o digital, o climático, a sustentabilidade, entre outros. “A atualidade do mundo global confrontou-nos com a realidade das interdependências. Dependemos uns dos outros muito mais do que pensávamos. Não há, por isso, assuntos só da Região, ou só do Estado ou, até, só da União Europeia. Nos dias de hoje, marcados, na Europa, pela integração política, e, no sistema internacional, pela globalização, a autonomia exige mais, na medida em que parte significativa dos destinos dos Açores se joga, também, fora do arquipélago”, esclareceu José Manuel Boleiro. O presidente lembrou os níveis de pobreza acima da média, o facto dos Açores ser a região portuguesa onde há menos gente com ensino superior e, até, o facto da esperança

média de vida ser menor na Região Autónoma do que no continente. “Importa inverter estas realidades, porque somos povo e território de oportunidades”, salientou o chefe do Governo dos Açores. José Manuel Boleiro ainda lembrou que, em tempos dramáticos como os que vivemos, de guerra, é mais urgente a transição energética, e todos podem contribuir. “Os preços disparam, o nível de vida está a subir e tudo isso está a criar-nos mais dificuldades, para além do nosso domínio e controlo. Exortamos os açorianos a pouparem nos consumos, a assumir a tendência para valorizar a nossa energia amiga do ambiente e a darem provas, ilha a ilha, de uma literacia energética que nos distinga pelo bem, nos planos nacional e europeu. É possível e somos capazes. Neste, como em tantos outros domínios, onde poderemos liderar o desenvolvimento sustentável, como verdadeiro laboratório do futuro”, apelou. Para terminar, o presidente do Governo Regional deixou a seguinte mensagem: “estamos cientes do tanto feito e comprometidos com o tanto que há a fazer!”.

Para fechar o ciclo de discursos oficiais da sessão solene, foi a vez de Luís Garcia, presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores dirigir-se aos presentes, e começou logo com um elogio aos que estiverem e estão neste combate à pandemia, lamentando as vítimas mortais e enviando uma palavra de solidariedade aos que mais sofreram com a Covid-19. “Assumo aqui o compromisso de, no devido tempo, promover uma homenagem pública, com a edificação de um monumento na sede do Parlamento, que perpetue no tempo a nossa gratidão a todos os que estiveram envolvidos no combate à pandemia”, comprometeu-se Luís Garcia.

O presidente da ALRAA salientou o papel do poder local no desenvolvimento global das nove ilhas dos Açores. “É com o contributo de todas as nossas 156 freguesias que continuamos a almejar o desenvolvimento económico e social da Região, e o bem-estar e qualidade de vida das populações, baseados na coesão económica, social e territorial, e na convergência com o restante território nacional e com a União Europeia”. Mas Luís Garcia foi mais longe. Para uma Região Autónoma plena, deve também contar-se com as comunidades açorianas fora das ilhas, a

diáspora, e estar atento às novas gerações. “A dimensão económica pode, e deve, estar mais presente neste relacionamento, sem medo de o assumir”, reiterou. “A projeção da autonomia política dos Açores não se esgota no reforço do relacionamento com as comunidades açorianas, pois é nosso dever fazê-lo, também, em relação à Região Autónoma da Madeira e à Europa, que nos orgulhamos de integrar”, completou o autarca. “Neste Dia da Região, faz todo o sentido reforçar este compromisso com os açorianos, e assumir um serviço público ainda mais transparente”, disse Luís Garcia, afirmando que é com esse intuito que já começaram a trabalhar num Código de Conduta dos Deputados à Assembleia Legislativa dos Açores.

O presidente da ALRRA lembrou a fragilidade, económica e em termos sanitários, destacando que é necessário “redefinir prioridades”, que passam, desde logo, pelo apoio aos que mais precisam e às empresas, “para que se mantenham abertas e garantam os postos de trabalho”.

Olhar para o impacto das alterações climáticas e para a sustentabilidade é obrigatório na opinião de Luís Garcia, para o desenvolvimento da Região Autónoma dos Açores. “Estamos também confrontados com um problema demográfico, que levou ao despovoamento de muitos dos nossos territórios. Precisamos de adotar políticas transversais, que invertam esta trajetória e contribuam para a fixação de pessoas nas nossas ilhas, com especial atenção aos jovens e aos mais qualificados”, deixando bem claro que o desafio central e o alicerce de tudo é a educação. “Tem de ser a prioridade”, garantiu.

“Olhando para a nossa história, e para aquilo que conseguimos ultrapassar e fazer ao longo destes quase 46 anos de autonomia, tenho a certeza de que vamos continuar a subir até ao cume da montanha, sem medo das brumas frequentes ou das tempestades inesperadas”, concluiu Luís Garcia.

No final das intervenções, José Manuel Boleiro, presidente do Governo Regional dos Açores, e Luís Garcia, presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, procederam à entrega de 26 insígnias honoríficas açorianas. A sessão solene terminou o Hino dos Açores e o Hino Nacional, interpretados pela Academia Musical da Associação Musical da Lagoa.

Insígnia Autonomica de Reconhecimento

Ângelo Manuel Albergaria Pacheco
Francisco Carreiro da Costa (a título póstumo)

José António Bettencourt Baptista
Lélia Pereira da Silva Nunes
Manuel das Pedras Rita (a título póstumo)
Maria Teresa Pires de Medeiros
Vera Lúcia Maciel Barroso

Insígnia Autonomica de Mérito Profissional

Jorge Manuel Mota Amaral Borges (a título póstumo)

Norberto Bettencourt Fontes
Trevor Gerard Moniz

Insígnia Autonomica de Mérito Industrial, Comercial e Agrícola

Fortunato Manuel de La Cerda Gomes e Garcia

Ildeberto Manuel da Cunha Medina
Messias Emanuel Sousa Teves

Insígnia Autonomica de Mérito Cívico

Associação Cultural Lajense

Associação de Futebol de Angra do Heroísmo

Associação Humanitária de Bombeiros

Voluntários de Angra do Heroísmo

Celestino Rodrigues

Cozinha Económica Angrense

Escola Básica e Secundária do Nordeste

Pierluigi Bragaglia (a título póstumo)

Santa Casa da Misericórdia da Horta

Sociedade Estímulo

Sociedade Filarmónica Espírito Santo de Agualva

Sociedade Filarmónica Lira e Progresso Feteirense

Sociedade Filarmónica União Praise

Sociedade Recreativa Filarmónica

Fundação Brasileira

PUBLICIDADE

melo & melo
CENTRO DE PNEUS
FUNDADA A 17.03.1982

meloemelolda@hotmail.com

Estrada Regional da Ribeira Grande 9600 - 214 Ribeira Seca

Serviços do Cliente:
Alinhamento de Direções
Alinhamento de faróis
Montagem de travões
Revisões auto
Pré-inspeções
Chapas de matrícula
Venda de pneus multimarca
Venda de baterias
Lavagem automática com polimento

40
1982 - 2022

296 472 460

OBRAS DA COLEÇÃO FLAD VÃO ESTAR NO ARQUIPÉLAGO ATÉ AO PRÓXIMO DIA 4 DE SETEMBRO

“Festa. Fúria. Femina.”

Arte, história e pluralidade



A exposição “Festa. Fúria. Femina.”, composta por 146 obras da coleção da FLAD (Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento), quase exclusivamente da autoria de artistas portugueses, foi inaugurada no passado dia 20 de maio, no Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, na Ribeira Grande. Esta mostra, que vai ficar patente até ao próximo dia 4 de setembro, evoca, através de desenhos, pinturas, fotografias e esculturas, temas como o colonialismo, o corpo, a sexualidade, a natureza, a mulher e a própria criação artística.

Por Tânia Durães

Composta por obras da coleção da FLAD (Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento), a mostra “Festa. Fúria. Femina.” foi inaugurada no passado dia 20 de maio, no Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, na Ribeira Grande, uma iniciativa que contou com a presença de José Manuel Bolieiro, presidente do Governo Regional dos Açores, Sofia Ribeiro, secretária Regional da Educação e Assuntos Culturais, assim como individualidades governamentais, autárquicas, civis e militares. Esta exposição, que é constituída por 146 obras de 66 autores, que foram selecionadas pelos curadores Sandra Vieira Jürgens e António Pinto Ribeiro, celebra a arte contemporânea em Portugal e incita novas reflexões sobre o colonialismo, a sexualidade, a natureza, o corpo e a mulher.

No âmbito da cerimónia, que assinalou a abertura desta exposição ao público, Rita Faden, presidente da FLAD, afirmou que, para a fundação, “é uma grande alegria estarmos aqui, hoje, nos Açores, no Arquipélago, neste espaço tão fantástico”, salientando que “para nós, desde o início, era muito importante a ideia de po-

dermos realizar a nossa exposição na Região Autónoma, tendo em conta a ligação que a FLAD tem com os Açores, assim como a importância que a Região Autónoma tem para nós”.

A exposição surgiu de uma coprodução entre a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e o Arquipélago e integra parte de um acervo, iniciado em 1986, constituído, maioritariamente, por artistas portugueses, que, através, essencialmente, do desenho, mas também da pintura, fotografia e escultura, representam enquadramentos socio-históricos diversos.

Garantindo que “a arte tem um poder transformador na vida das pessoas”, a presidente da FLAD sublinhou que “nós achamos que é uma oportunidade fantástica, para poderem ver as obras da coleção da FLAD, as antigas, mas também, as novas aquisições que nós fomos fazendo nos últimos anos. Este é um trabalho, que eu acho que está fantástico, feito por uma equipa do Arquipélago”.

Na mostra, estão presentes obras de artistas, que prezam a interdisciplinaridade, como Paula Rego, Júlio Pomar, Julião Sarmento, Helena Almeida, Rui Chafes, Gaëtan, Manuel Lagarto, Bárbara Assis Pacheco, Pedro Cabrita Reis, Susanne Thémilitz, Pedro Portugal e Michael Biberstein. Como explicaram os curadores, Sandra Vieira Jürgens e António Pinto Ribeiro, três vetores emergem da coleção e dão nome a esta exposição. “«Festa. Fúria. Femina.» é um título que indica três caminhos possíveis, para a leitura da exposição e cabe a cada um de nós encontrar a sua leitura e os seus trilhos, para a interpretação da mesma”, esclareceram, acrescentando que “mostra a diversidade de obras, a sua riqueza e pluralidade”.

“A exposição permite ter um conhecimento muito bom sobre o estado da arte em Portugal”, considerou Sandra Vieira Jürgens, advogando que “estamos a falar de arte, criatividade e é isso o que nós gostamos

de fazer, pensando as coisas de uma outra forma, inovando sempre e desafiando aquilo que são os olhares”. Por outro lado, António Pinto Ribeiro referiu, aquando da inauguração, que o maior desafio foi selecionar as obras da exposição, uma vez que a coleção da FLAD é composta por 1027 peças.

Associado à exposição, o Arquipélago vai organizar visitas guiadas e “visitas-oficina” para alunos de todos os ciclos de ensino de São Miguel, workshops de desenho com artistas de renome, aulas abertas com os curadores e uma escola de verão, para alunos do ensino secundário e ensino superior.

A curadora fez, ainda, questão de enaltecer que “a diversidade que existe na arte, ajuda-nos a tornar a sociedade mais democrática, mais inclusiva, que é o que nós queremos, transformando no bom sentido e trazendo tudo de melhor, para que as pessoas sejam, também, mais emancipadas”.

Também, o presidente do Governo Regional dos Açores, José Manuel Bolieiro, fez questão de marcar presença na inauguração desta exposição, enaltecendo a relevância do Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas no panorama regional e nacional e destacando que “o facto de a exposição ser neste espaço, ajuda a valorizar uma ideia de descentralização da oferta e experiência cultural e artística, que, aqui, representa”.

Evidenciando a importância dos momentos culturais, o líder da Região Autónoma dos Açores lançou um repto, “para que este possa ser apenas o início de uma primeira exposição de cooperação e que, depois, se possa alargar e fazer, com a FLAD e com tantas outras instituições, muitas outras mostras, projetando para o exterior, os Açores como um lugar onde a arte e o talento acompanham, pela inspiração humana, aquela que foi a grande inspiração divina, que nos fez, enquanto natureza, uma das mais belas regiões do planeta”.



Os Rapazes da Rua (4)



Alfredo da Ponte

O jogo do pateiro

O Aguinaldo era um rapaz fino, que viera da Ilha das Flores com os pais. Em São Miguel a família escolheu a Ribeira Grande para seu cantinho de residência.

O Aguinaldo falava de uma maneira diferente, tanto pela pronúncia como pelas pausas que usava entre as palavras, que se faziam ouvir da primeira à última sílaba. Bem educado. Tinha mais que ver!... A mãe era professora na Escola dos Fóros e o pai trabalhava em Ponta Delgada num escritório qualquer. Por onde andava provocava um pouco de inveja na rapaziada da sua idade, por ser diferente. Não era de se juntar com qualquer um nas brincadeiras de rua, nem de andar sozinho por onde quer que fosse. Gato escaldado tem medo de água fria, como diz o ditado. Mas aos poucos foi ganhando amigos, na sua nova terra, começando com alguns meninos do seu nível, tanto no modo de vestir como nas maneiras de agir. Os primeiros foram os filhos dos amigos dos pais. Formadas estas amizades os meninos começaram a andar juntos.

Quando passavam em Santo André, a caminho das Poças, os rapazes que ali brincavam sempre lhes atiravam piadinhas sem graça, afim de lhes provocar alguma reação negativa. Mas os meninos não faziam caso. Seguiam em frente. Nas Poças estavam seguros, porque o Ti Mariano não dava confiança a certos tipos de abusos. Uma vez ele ouviu um rapaz chamar ao grupo um “bando de paneleirins”, e logo o repreendeu, dizendo que lhe daria uma sova e, ainda por cima, iria contar ao seu pai. Se chegasse a esse ponto, o rapaz levaria pancadaria de meter medo. Seria um “ensaio de macaco”, como dizia a Maria da Lomba.

Santo André era um grande largo de concentração de rapaziada. Tanto na bola, como em outros tipos de brincadeira. Enquanto a polícia não chegava, claro! Mas o jogo que para além do futebol mais recordamos de ver naquele espaço era o do pateiro.

O Aguinaldo dava-lhe outro nome, e hoje não nos admiramos por isso. Porque há tantas e tantas coisas que variam de nome de freguesia para freguesia, e de lugar para lugar. No caso de jogos e brincadeiras de rapazes, variam os nomes e as regras também. Se isto é bom ou ruim, não nos interessa. Mas somos de opinião que estas

diferenças nos enriquecem culturalmente, desde a aldeia, ou lugar, até à cidade, passando pelas freguesias. Quer nas Ilhas, quer no Continente. Mas deixemos isso para os peritos no assunto e vamos à razão desta crónica, que não pretende mais do que livrar do esquecimento alguns jogos, diversões e distrações da geração dos Rapazes da Rua.

Por curiosidade, há poucos dias nos lembrámos do Aguinaldo e tentámos saber mais sobre esta brincadeira de rapazes em território português. Logo vieram os nomes de pateiro e bilharda, para além de um conjunto de regras diversificadas, cujas razões associadas ao isolamento das ilhas açorianas, e o mesmo dividido pelas freguesias de São Miguel fizeram com que cada terra tivesse seu uso e cada porca um parafuso.

Consultámos o Dicionário da Língua Portuguesa (sexta edição) da Porto Editora, para variar dos significados que nos apareceram no mundo virtual. O nome de pateiro foi decifrado como: guardador ou criador de patos; frade leigo que cuidava da copa nos conventos; jogo de rapazes, o mesmo que bilharda; vagaroso no andar (adjetivo transmontano).

Quanto à bilharda, a referida consulta só nos disse que se tratava de um “jogo de rapazes praticado com um pau aguçado nas duas extremidades que se faz saltar com uma pancada desferida com outro pau mais comprido”, sem nos informar que também era o nome do pau curto e aguçado.

Se bem nos lembramos, o pai do Aguinaldo era oriundo de uma das províncias nortenhas de Portugal Continental, onde viveu até conhecer a florentina. De Trás-os-Montes, ou Alto Douro. Consta que naquela zona do país o jogo da bilharda era muito popular; e não muito longe dali, na Galiza (Espanha), até se organizavam campeonatos oficiais de Bilharda.

Voltando a território nacional, não deixa de ser curioso o facto de se encontrar diferenças nas regras e moldes. Por isso vamos tentar fazer uma breve comparação entre a bilharda do Continente, que também tem as suas variações de lugar para lugar; e o pateiro de São Miguel, que adiantamos também ser possível ter outro nome, e algumas alterações, entre as freguesias micaselenses, onde o jogo se praticava. É que, temos conhecimento que em muitos lugares da ilha nunca se ouviu falar em tais nomes. Pedimos desculpa por algum transtorno que isso possa causar, mas a nossa memória recorda apenas a “moda” da Ribeira Grande.

No Continente a bilharda é um pequeno pau, com medida variável entre 10 e 15 cm, aguçado nas extremidades. É colocada em cima de duas pedras, à laia de ponte; ou em cima de uma cova de berlinde. Com outro pau, parecido com um cassete de polícia, a bilharda é elevada, e rapidamente batida pelo pau, a modo de a lançar o mais longe possível, ao mesmo tempo que se diz: “ó Pim”. Depois, a bilharda no chão é batida

novamente pelo cassete numa das extremidades para ela voltar a saltar e levar mais uma cacetada, ao mesmo tempo que se diz: “ó redor”. Mais duas vezes, dizendo em cada uma: “Bate três”, “Maria Inês”.

Depois o cassete serve de instrumento de medida para verificar a distância entre o paradeiro da bilharda e o calhote que lhe serviu de ponto de partida. Cada três medidas dá um ponto. Por exemplo: 1,2,3 faz um; 1,2,3 faz dois; 1,2,3 faz três; e assim sucessivamente, até chegar ao “faz trinta”.

Não há dúvidas que é um jogo bem chato! Prefiro, de longe, o Pateiro da Ribeira Grande, que podia ser jogado por equipas de dois ou mais jogadores, ou apenas por um. Vamos pôr de parte a bilharda, porque o pateiro é, realmente, mais agressivo e divertido. Para lembrar os esquecidos, ou informar aqueles que desconhecem esta brincadeira de rapazes, praticada sobretudo nos meses de inverno, vamos tentar descrever o seu funcionamento:

O pateiro, por si, é um pedaço de pau redondo, com um comprimento aproximado de quarenta centímetros. A biata é outro pedaço de pau, que raramente excede 15 centímetros de comprimento, aguçado em ambos os extremos – a tal bilharda, em outras partes do país.

Dois rapazes a disputar um jogo destes, iniciavam-no colocando o pateiro em cima de duas pedras em posição paralela, de modo a que o pau formasse uma ponte, com uma altura raramente superior a dez centímetros. A estas duas pedras podemos chamar de calha, ou calhote, que é praticamente o epicentro do jogo. A uma distância pré-determinada, entre dez e vinte metros, cada jogador lançava com a mão a biata contra o pateiro, com o objetivo de o fazer cair de cima das pedras. O primeiro que o conseguisse seria aquele que ficava ao pé do calhote.

Iniciava-se então o jogo, desta forma: De trás da linha das duas pedras colocadas no chão, o primeiro jogador soltava ao ar a biata, e com o pateiro pregava-lhe uma cacetada, fazendo-a ir para bem longe. Entretanto, o adversário, que estava em frente do lançador, tentava reduzir a força do lance, para obter menor distância entre o ponto de partida e aquele onde a beata iria cair. Se conseguisse apanhá-la e segurá-la sem a deixar cair, imediatamente tirava o lugar do outro. Se não, do ponto onde ela foi parar, atirava-a com força e pontaria ao pateiro, que o outro já havia colocado em cima das pedras. Se acertasse, o pateiro rolava e caía no chão. Nestas circunstâncias os jogadores rivais trocavam posições, e começava tudo de novo. Se o pateiro não fosse ao chão, aquele que estava em sua posse deixava cair a biata entre as duas pedras, e logo de seguida batia-lhe com o pateiro em um dos extremos, a modos de fazê-la saltar; e no salto, levava logo uma “pateirada” para ir bem longe. Onde ela parava fazia-a saltar

outra vez, e mais outra “pateirada”. Uma terceira e última vez: salto, pancada; e do seu paradeiro se iniciava a medição da distância daquele ponto até ao calhote.

Era nesta altura que o pateiro se transformava em instrumento de medida. Cada vez que o seu tamanho se refletia no chão, perfazendo o caminho em linha recta até ao calhote significava um ponto. Menos as quatro primeiras vezes. Porque a cada uma delas se tinha de recitar um versículo de uma das ladainhas pateirais, que rezavam assim: (1) bate; (2) a biata; (3) segundo (4) a mestrada. Ou: (1) biata; (2) pateiro; (3) come carne; (4) de carneiro.

Atingindo o número de pontos pré-estabelecido para se ganhar o jogo, que quase sempre era cinquenta, chegava à vez da muleixa, que era o prémio que consistia em o vencido transportar às costas o vencedor, à laia de cavaleiro triunfante. Para isso, o campeão, da linha do calhote soltava a biata ao ar e pregava-lhe uma cacetada com o pateiro. Onde ela fosse parar marcaria o ponto do destino da muleixa, cujo regresso ao ponto de partida era garantido. Portanto: viagem de ida e volta.

Entretanto, quando a biata era lançada para este efeito podia ser intercetada pelo perdedor, que tentaria apanhá-la, ou pelo menos reduzir a potência do lance. Se ele a apanhasse do ar sem a deixar cair livrava-se do carregamento.

Com muleixa ou sem ela, deste ponto o perdedor passava a ocupar o lugar do calhote, e começava tudo de novo, como já foi descrito. Justíssima oportunidade, com todas as regalias.

Esta coisa de bater com o pau no pauzinho solto ao ar, sem o ter feito saltar batendo-lhe nas pontas, parece-me que foi absorvida de influências americanas por causa do baseball, tal como o jogo do Queimado que já tivemos oportunidade de referir em crónicas anteriores. Resta-nos acrescentar que os Rapazes da Rua que tinham pateiros e biatas cuidavam muito bem destes brinquedos, que eram por eles próprios fabricados. Até esmeravam na perfeição, sendo alguns acabados com uma mão de verniz.

Como acontecia com a bola, o dono do pateiro e da biata é que decidia com quem brincava.

Por hoje é tudo. Haja saúde!
O pateiro é um pau fino
Que faz biata saltar
E o jogo tem o destino
De uma muleixa ganhar.

Fui jogar a Santo André
Com biatas e pateiros.
Marquei cem pontos de pé
Com três porretes certos.

O meu pateiro quebrou,
Dele fiz duas biatas.
Tantas muleixas ganhou
Fazendo contas exactas.



ESTATUTO EDITORIAL

O AUDIÊNCIA RIBEIRA GRANDE é um jornal generalista preocupado com toda a actividade desenvolvida, no concelho da Ribeira Grande e, pelos ribeiragrandenses, independentemente do local do mundo, onde se encontrem. Prometendo defender, intransigentemente, o seu carácter independente está aberto à colaboração de todos os cidadãos. Para aqui podem endereçar todos os contributos que permitam uma ampla divulgação das localidades e permitam uma intrínseca troca de conhecimentos que contribua para o desenvolvimento cultural e social do concelho mais jovem de Portugal. O AUDIÊNCIA RIBEIRA GRANDE compromete-se a assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa fé dos leitores.

FICHA TÉCNICA - Propriedade: ARG Comunicação, Lda | Empresa jornalística nº 223977 | NIF:514574097 | Sede: Rua do Mourato, 70 - A, 9600-224 Ribeira Seca - Ribeira Grande - São Miguel - Açores | Diretor: Joaquim Ferreira Leite | Editora: Joana Vasconcelos | Redação: Tânia Durães, Sara Tavares Almeida | Colaboradores Permanentes: Rita Castro Gonçalves, João Edgardo Vieira | Departamento comercial: Maria Cruz, mariacruzaudiencia@gmail.com Telefone: 937 962 972; Paulo Carvalho, paulo.carvalho.audiencia@gmail.com, telefone 919 836 349 | Site: www.audiencia.pt | Email: geral@audiencia.pt (redação) | Detentores do capital social: Madalena Filipa dos Santos Pereira Leite (50%) e Pedro Filipe dos Santos Pereira Leite (50%) | Inscrição nº 126 865 | Nº de Depósito Legal: 408801/16 | Impressão: LUSOIBÉRIA – Av. da República, n.º 6, 1050-191 Lisboa; contacto: 914 605 117 comercial@lusoiberia.eu | Tiragem: 6.000 exemplares



RESTAURANTE DA
ASSOCIAÇÃO
AGRÍCOLA

Faça já a sua
RESERVA

ABERTO TODOS OS DIAS
12:00 ÀS 22:00



RESERVAS POR TELEFONE

296 490 001 / 925 248 307 / 926 385 995

WWW.RESTAURANTEAASM.COM



/RESTAURANTEAASM